

Rio de Janeiro pós-Copa do Mundo e Jogos Olímpicos: de cidade-megaevento ao caos da violência urbana – que legado é esse?

Maria Helena Carmo dos Santos

Doutora em Comunicação pela UERJ, Mestre em Comunicação pela ECO-UFRJ, graduação em Relações Públicas pela UERJ e em Letras pela UFRJ. Coordenadora do Escritório de Relações Públicas da FACHA e professora dos cursos de Comunicação e Turismo da mesma instituição. E-mail: mhcarmo@yahoo.com.br.

Flávio Lins

Doutor em Comunicação pela UERJ/Università degli Studi di Roma “La Sapienza”. Mestre em Comunicação pela UFJF. Professor de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: flavio.lins@oi.com.br.

O Rio de Janeiro viveu “a década de ouro dos megaeventos”, com os Jogos Panamericanos (2007), os Jogos Mundiais Militares (2011), a Copa das Confederações (2013), a Jornada Mundial da Juventude (2013), a Copa do Mundo (2014) e Jogos Olímpicos (2016). Cabe então refletir sobre os impactos desses dois principais megaeventos esportivos em um momento em que a cidade volta a enfrentar o caos na segurança pública. Para isso, apresentaremos conceitos sobre megaeventos e legado, informações sobre o legado dos Jogos Olímpicos em outras cidades-sede e dados sobre o pós-Rio 2016.

Palavras-chave: Megaevento. Legado. Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro post-World Cup and Olympic Games: from city-mega-event to the chaos of urban violence - what is this legacy?

Rio de Janeiro lived the “gold decade of the mega-events”, due to the Pan American Games (2007), the Military World Games (2011), the FIFA Confederations Cup (2013), the World Youth Day (2013), the World Cup World (2014) and the Olympic Games (2016). Then it is necessary to reflect on the impacts of these two major mega-sport events at a time when the city is once again facing chaos in public security. We will bring forward concepts about mega events and legacy, some information about the Olympic legacy in other host cities and data about the post event Rio 2016.

Key-words: Megaevent. Legacy. Rio de Janeiro.

Río de Janeiro post-Copa del Mundo y Juegos Olímpicos: de ciudad-megaevento al caos de la violencia urbana - que legado es ese?

Río de Janeiro vivió “la década de oro de los megaeventos”, con los Juegos Panamericanos (2007), los Juegos Mundiales Militares (2011), la Copa Confederaciones (2013), la Jornada Mundial de la Juventud (2013), la Copa del Mundo (2014) y los Juegos Olímpicos (2016). Cabe entonces reflexionar sobre los impactos de esos dos principales megaeventos deportivos en un momento en que la ciudad vuelve a enfrentar el caos en la seguridad pública. Para ello, presentaremos conceptos sobre megaeventos y legado, informaciones sobre el legado de los Juegos Olímpicos en otras ciudades-sede y datos sobre el post Río 2016.

Palabras-clave: Megaevento. Legado. Rio de Janeiro.

Introdução

A mudança de “status” do Rio de Janeiro para “cidade olímpica”, pós-vitória da candidatura em 2009, exigia que a cidade se adaptasse ao proposto no Dossiê de Candidatura¹. Isso estabelecia atores sociais que, até a realização megaevento, fariam parte de uma articulação política com o compromisso de executar o Plano Mestre dos Jogos (DOSSIÊ, 2009, p. 25-42): o Comitê Organizador Rio 2016, por exemplo, responsável pela “valorização da marca olímpica”; o Comitê de Legado Olímpico Rio 2016, formado “pelo Governo, empresas, Comitê Olímpico Brasileiro e por grupos e organizações da comunidade para supervisionar todos os projetos associados ao legado Olímpico de 2009 até 2020”; e a “Autoridade Pública Olímpica (APO), encarregada pela ligação entre os três níveis de governo, o Comitê Organizador Rio 2016 e os demais interessados”.

Ou seja, cabe à cidade olímpica dar conta de uma série de compromissos para se preparar a fim de receber os Jogos. A cidade vira plataforma para a realização dos jogos e, segundo Molina (2013, p.140), tem de cumprir algumas “iniciativas estratégicas”, dentre as quais projetos de renovação urbana para acolher esse megaevento, como no Rio 2016: a Vila dos Atletas, na Barra da Tijuca, o “coração dos jogos” (DOSSIÊ, 2009, p. 17); o Parque Olímpico, em Jacarepaguá; e um novo sistema viário, que engloba a linha 4 de metrô, a Transcarioca (Barra – Aeroporto Internacional) e a Transoeste (Zona Oeste – Barra, até a estação de metrô Jardim Oceânico); um complexo esportivo para 11 modalidades olímpicas e 4 paralímpicas, em Deodoro; e o Porto Maravilha, que prometia devolver à região uma nova centralidade, um novo “locus” de lazer, entretenimento, negócios e moradia.

No Dossiê Rio, foram elencadas quatro “prioridades-chave, integradas em um planejamento de longo prazo: transformação da cidade, inserção social (habitação, treinamento e emprego), juventude e educação e esportes” (idem, p. 22). Os Jogos seriam a oportunidade de acelerar a transformação do Rio de Janeiro para uma verdadeira cidade internacional, com o aprimoramento do tecido social, físico e ambiental da cidade, dentre os quais o projeto de renovação da zona portuária, “previsto há muitos anos, (mas) retomado pela candidatura aos Jogos de 2016” (ibid., p. 43). Para o ex-prefeito Eduardo Paes, o Porto Maravilha² representaria um “legado; são obras do legado” (Entrevista ao Programa Roberto D’Ávila, Globo News, 16/12/2015).

Quase dois anos após a Rio 2016, a região do Porto Maravilha, que teve um grande número de lançamentos, registra o número de 78% de vacância de imóveis comerciais (GLOBO NEWS, Jornal das 18h, 19/2/2018); o Maracanã está fechado porque o consórcio afirma que o estádio não está na mesma condição

1. Segundo o Portal da Transparência Rio 2016, “o dossiê de candidatura discrimina as despesas e os investimentos entre os entes governamentais, além das receitas e despesas do comitê organizador dos Jogos Olímpicos.” Disponível em: <<http://www.portaldatransparencia.gov.br/rio2016/origem-dos-dados/dossie-index.asp>>. Acesso em 25 fev. 2018.

2. Segundo o Dossiê de Candidatura (2009, p.34), o “projeto permitirá a realização de melhorias estruturais e a criação de instalações para os navios de cruzeiro, sempre com um foco turístico. Toda a área do porto, com seus prédios antigos e docas históricas, se tornará uma atração cheia de vitalidade, no coração do Rio. Importantes obras no setor de habitação, transporte e serviços públicos darão uma nova vida ao porto que será mais uma vez reintegrado ao centro da cidade”.

em que foi cedido para os Jogos; não foram feitas obras para despoluir a Baía de Guanabara; a Transbrasil ainda está em obras; o Parque Radical, em Deodoro, funciona precariamente; o Parque Olímpico tem sido aberto para shows, como o Rock in Rio, e outros poucos eventos. Ou seja, o que seria um legado tangível da Rio 2016 ou não está tendo manutenção/uso esperado ou está parado. Além disso, a deterioração econômica do Estado vem contribuindo para o aumento da violência na cidade, culminando, em fevereiro de 2018, em uma intervenção federal na segurança pública.

Megaeventos: uma abordagem conceitual

Os megaeventos são fenômenos urbanos, das grandes cidades. Necessitam de grandes investimentos governamentais, de parcerias público-privadas e da chancela da organização responsável, como Comitê Olímpico Internacional (COI) e Federação Internacional de Futebol (FIFA), financiada pela comercialização de artigos temáticos, publicidade e venda de transmissão dos jogos. Aliás, a cobertura midiática é fundamental para a tipologia de grandes e megaeventos. Para Guala (2007, p. 36), uma taxonomia de grandes eventos deve considerar variáveis como escala, efeitos econômicos e geração de emprego, conteúdo do evento, estrutura e instalações, público-alvo, papel da mídia e, principalmente, transmissão televisiva ao vivo. São fenômenos comunicacionais, planejados para atingir um público-alvo global, o que demanda cobertura midiática internacional (ROCHE, 2000; GUALA, 2007; BURBANK et. al., 2002), conforme dados do site Statista³: em Pequim 2008, foram 3,55 bilhões de espectadores no mundo; em Londres 2012, 3,64 bilhões; e no Rio, cerca de 3,2 bilhões, oportunidade que “pode servir como vitrine para a cidade sede ou país” (BURBANK et al., 2002, p.33). Ainda segundo os pesquisadores, o megaevento estimula ou justifica desenvolvimento de projetos locais. Para Roche (2000, p. 3), a Olimpíada e a Copa do Mundo são mega “eventos mídia”, de grande prestígio internacional que atraem uma multidão global e atenção midiática, além de promoverem valores olímpicos universais, diretamente uma standardização cultural (consumo da cultura do esporte) e, indiretamente, por meio de estratégias de marketing, marcas globais e o consumo da cultura (tradução nossa).

Os meios de comunicação (televisão, mídias sociais, etc.) potencializam a percepção do megaevento desde a sua reverberação inicial (na campanha para cidade olímpica, por exemplo), do anúncio da cidade-sede até a realização em si, o que compreende, em geral, sete anos de cobertura, incluindo a exposição de peças oficiais, elaboradas em parceria com órgãos públicos locais e agências de publicidade e marketing. Embora o evento tenha tempo determinado, os impac-

3. Disponível em: <<http://www.statista.com/statistics/280502/total-number-of-tv-viewers-of-olympic-summer-games-worldwide/>>. Acesso em: 19 fev. 2018. Quist

tos podem ter início antes do acontecimento, tanto na fase de preparação quanto no término (GUALA, 2007).

O autor propõe que o grande evento deve ser pensado como um ‘produto’ que tem um ciclo de vida de, aproximadamente, 15 anos, para os Jogos Olímpicos, do momento da primeira hipótese de candidatura, da participação do processo de eleição até os efeitos posteriores do evento olímpico (GUALA, 2007, p. 77) e que coloca em pauta a discussão do legado após o certame. Para Richard Cashman (1998, p. 109), esse “período olímpico” pode se estender por mais tempo: 1) o pré-evento pode levar até duas décadas, até que a cidade desenvolva um plano de candidatura de sucesso; 2) o durante, entre 16 e 17 dias da realização efetiva dos Jogos; 3) e o pós-evento (o menos planejado), que se estende por décadas.

Philippe Bovy (2009, p. 8-9) apresenta diferente visão sobre megaeventos ao conceituá-los não em relação ao número de participantes ou ao impacto na mídia, mas sim ao aparato necessário. Para o pesquisador, megaeventos são eventos temporários, com duração de dois dias a seis meses, que exigem uma logística da cidade, como transporte, aeroportos, energia, acomodações, segurança, hospitalidade global e estruturas efêmeras que precisam ser entregues no tempo determinado. E podem, sim, estar sujeitos a uma grande cobertura midiática em nível mundial, convertendo as sedes em cidades mundiais.

Para Contrera (2008), o megaevento é “o espetáculo de massa que tem como cenário a cidade moderna e, principalmente, como berço de nascimento a metrópole e, posteriormente, a megalópole. O megaevento vem compor o espetáculo urbano”, que depende fortemente de um investimento/logística do apoio governamental, sem o qual ele não se viabiliza. Philippe Bovy enumera questões que dependem do setor público:

- Apoio governamental geral (vistos, legislação trabalhista...);
- Aeroporto e transporte urbano;
- Segurança em todas as escalas;
- Projetos de instalações esportivas e de treinamento;
- Projetos de instalações não esportivas tais como a Vila Olímpica, IBC/MPC, a Vila de Mídia, etc.;
- Saúde, serviços médicos;
- Proteção ambiental e sustentabilidade (BOVY, 2009, P.15 – tradução nossa).

Na opinião do pesquisador, “as maiores intervenções são voltadas para o desenvolvimento da infraestrutura esportiva, grandes melhorias e extensões do sistema de transporte” (BOVY, 2009, tradução nossa), conforme registro no livreto *Olympic Legacy*:

A infraestrutura de transportes é um dos elementos-chave para uma cidade-sede, já que os Jogos requerem redes de transportes confiáveis, rápidas e seguras, capazes de atender um grande número de pessoas que participam dos Jogos. Sediar os Jogos, portanto, pode ser um catalisador para o desenvolvimento de novas infra-estruturas de transportes, com o apoio das autoridades públicas que oferecem novas redes essenciais ao evento (OLYMPIC LEGACY, 2013, p. 27 – tradução nossa).

E, segundo Neale Coleman, vice-presidente da Cia. do Legado de Londres 2012, os investimentos em transporte são fundamentais para o desenvolvimento da área recém-qualificada de modo a torná-la mais atraente aos investidores.

Você precisa mostrar que esta área tem conexões que permitem que as pessoas cheguem aqui para trabalhar, comprar, visitar e viver. Então para os Jogos nós tínhamos onze linhas de trem chegando a duas estações aqui. Nós estamos construindo uma linha nova, que estará aberta em um prazo de 18 meses. Essa conectividade nos transportes fez uma diferença fantástica, fenomenal. Foi o principal atributo que deu confiança aos grandes investidores, grandes empregadores, a confiança para vir e instalar seus novos escritórios, seus novos hotéis, suas casas novas na área (GLOBO NEWS, Série Cidades Olímpicas - Londres, 6/10/2015 – tradução nossa).

Para Bovy (2009), o aparato de segurança também é determinante para a denominação de ‘megaeventos’. Ele acredita que transporte e segurança são dois dos mais importantes ‘pesos pesados’ do setor público organizacional. Quanto à segurança, tornou-se uma questão nos grandes eventos internacionais nos Jogos Olímpicos 1972 após o atentado terrorista contra a delegação de Israel, quando o despreparo da polícia alemã resultou na morte de todos os sequestrados e de um policial (GLOBO NEWS, Série Cidades Olímpicas - Munique, 9/10/2015). Vinte quatro anos depois, em Atlanta 1996, outro atentado matou duas pessoas e feriu cerca de 100, no Parque Centenário, construído como legado dos Jogos (GLOBO NEWS, Série Cidades Olímpicas - Atlanta, 7/10/2015), o que elevou ainda mais os custos em segurança pública e prevenção a ataques terroristas.

Segundo Guala (2002, p.4; 2007, p. 43), é difícil encontrar uma única tipologia capaz de dar conta da maior parte dos eventos. Em vez disso, pode-se considerar variáveis que caracterizam os eventos e contribuem para a análise do impacto em relação ao “uso” dos eventos e aos efeitos mais gerais. Tendo como exemplo os Jogos Olímpicos, Guala identifica cinco variáveis recorrentes:

1) Eventos e legitimação política em nível internacional. Para Kay Schiller, especialista em eventos esportivos da Universidade de Durhan, Alemanha, os Jogos Olímpicos de Berlim 1936, “viraram espetáculos a serem mostrados ao mundo a cada quatro anos. Antes, os jogos eram, relativamente, assuntos peque-

nos. Não eram oportunidades de propaganda de Estado-Nações, do jeito que são agora” (GLOBO NEWS, Série Cidades Olímpicas - Berlim, 8/10/2015 – tradução nossa). Naquela edição, o evento esportivo foi utilizado como propaganda de massa que legitimava, internamente, a força política nazista.

2) Eventos e transformação territorial. Todas as cidades-sede de megaeventos realizam novas obras urbanas; reestruturam o sistema de transporte público; requalificam áreas do centro da cidade ou de outros bairros, constroem estruturas específicas para os Jogos, de acordo com procedimentos já padronizados, como Vila Olímpica, centro de mídia, equipamentos esportivos e recuperam frentes d’água, se houver, baías, rios, áreas verdes e parques (GUALA, 2007, p. 56 – tradução nossa). Em Barcelona 1992, a frente d’água “era invisível e estava escondida aos olhos de todos os cidadãos da cidade. Passavam as linhas de trens e, em frente, uma grande cerca, um grande muro que privava a vista de toda praia”, afirma Miguel Botella, Diretor de Administração Comitê Barcelona 92 (GLOBO NEWS, Série Cidades Olímpicas - Barcelona, 10/10/2015). Com a transformação urbana da região, “o trem passou a ser subterrâneo e quatro quilômetros de praia foram integrados à cidade para alegria dos sete milhões de banhistas por ano” (idem). Quanto às Vilas Olímpicas, os apartamentos utilizados como acomodação para os atletas são incorporados ao setor imobiliário. Em Barcelona, cerca de 2.000 unidades são ‘disputadísimas’ (ibid.); em Londres, metade dos 2.200 apartamentos foi destinada à população de baixa renda (GLOBO NEWS, Série Cidades Olímpicas - Londres, 6/10/2015).

3) Eventos e desenvolvimento turístico e econômico. Todas as operações ligadas aos megaeventos incluem novas obras, melhoramento da estrutura receptiva, por exemplo, como em: 1) Londres 2012, “mais de 100 mil novos quartos de hotéis foram construídos, inclusive no Leste da cidade, ponto turístico” (idem); 2) Atenas 2004, os Jogos foram responsáveis “pela melhoria na infraestrutura turística, com o “aumento de qualidade das acomodações da rede hoteleira, restauração de centenas de prédios e remoção de *outdoors* ilegais pela cidade” (LEGACIES OF THE GAMES, COI, dez. 2013); e 3) Barcelona 1992, devido à insuficiente capacidade hoteleira, os 11 maiores transatlânticos do mundo alojaram mais de 50 mil pessoas. “O que no início poderia ter sido um problema, se transformou numa festa permanente”, na opinião de Jose Miguel Abad, CEO Comitê Barcelona 92 (GLOBO NEWS, Série Cidades Olímpicas - Barcelona, 10/10/2015). De acordo com a publicação *Olympic Legacy* (IOC, 2013, p. 30), um dos mais importantes impactos dos Jogos é o aumento da atividade econômica e produtiva ou o aumento do Produto Interno Bruto (PIB), como aconteceu em Atlanta 1996, que registrou 5 bilhões de dólares em impacto econômico em razão dos Jogos. Estudo realizado pela

Oxford Economics, a pedido do *Lloyds Bank*, estima que os Jogos Londres 2012 podem gerar 16.5 bilhões de libras (cerca de R\$ 75 bilhões) para a economia britânica de 2005 para 2017, o que corrobora o impacto a longo prazo do megaevento (idem, p. 30).

4) Eventos, visibilidade e reposicionamento. Em alguns casos, o grande evento serve, sobretudo, para chamar atenção para o lugar, para colocar uma cidade ou nação no mapa. Isso, segundo Guala (2007, p. 44), aconteceu com Sidney 2000, porque a Austrália não fazia parte do circuito internacional das operadoras de turismo.

5) Outras variáveis explicam o sucesso ou dificuldades dos grandes eventos, como características e dimensão da cidade-sede; os locais do evento e a logística de transporte; o sistema econômico local e mercado de trabalho; efeitos a curto e longo prazo; o sistema político local, conflitos e habilidade de mediação, o legado e o planejamento da herança material e imaterial dos Jogos, o ciclo de vida do evento e a mídia em geral (idem, p. 44-45 – tradução nossa).

Os pesquisadores sobre megaeventos e seus impactos na cidade/país concordam em um aspecto: há (ou deveria haver) um legado tangível (regeneração urbana, investimentos em transportes públicos) e intangível (orgulho local, legitimação política, geração de empregos, desenvolvimento do turismo, melhorias na infraestrutura, projeção internacional). No entanto, isso depende do planejamento pós-eventos.

Legado nos megaeventos esportivos

Por ser uma ferramenta de comunicação que atrai visibilidade e turistas para a cidade (BURBANK, 2002, p. 182), os megaeventos podem ser estímulo ou justificativa para projetos de desenvolvimento local e “atrair mais visibilidade e investimentos de novas empresas e melhor posicionamento”, como em Atlanta (GUALA, 2007, p. 67). De acordo com o documento *Legacies of the Games*, do Comitê Olímpico Internacional (dez, 2013), em Atlanta 1996, o Parque Olímpico Centenário foi o maior espaço verde construído nos Estados Unidos em 25 anos, em uma área industrial degradada. Com 84 mil m², o parque ajudou a revitalizar a região, atraindo várias empresas, quatro museus e um aquário, em um investimento de 1,5 bilhão de dólares (GLOBO NEWS, Série Cidades Olímpicas - Atlanta, 7/10/2015).

Em Barcelona 1992, a transformação urbana também ocorreu em uma área industrial: cerca de 100 hectares (incluindo a Vila Olímpica) foram requalificados e incorporados ao setor imobiliário. A frente d’água foi reconstruída: “A visão que se tinha era uma visão muito industrial e produtiva. O porto, o mar, era um

lugar de troca de produção, de comércio. Não um lugar de lazer, com praias”, como afirma Josep Montaner, da Secretaria Habitação de Barcelona (GLOBO NEWS, Série Cidades Olímpicas - Barcelona, 10/10/2015 – tradução nossa). Para Miguel Botella, Diretor de Administração Comitê Barcelona 92: “Demorou 8 ou 10 anos para que a população compreendesse que o esquema havia mudado e que Barcelona era um legado fantástico para se viver perto do mar (idem). Na opinião de Neale Coleman, vice-presidente da Cia. do Legado de Londres, “não vai ter como fazer julgamento de todo o sucesso dos nossos planos para o Leste de Londres e os impactos na revitalização provocados pela Olimpíada talvez até 2030, 2035 (GLOBO NEWS, Série Cidades Olímpicas – Londres, 6/10/2015 – tradução nossa). Tracy Halliwell, Diretor de Turismo de Negócios de Londres, também reforça esse interesse local: “Nós estávamos muito preocupados em mostrar, não apenas durante a Olimpíada, mas passar a imagem de que Londres era um destino receptivo e que tinha interesse em atrair novos negócios” (idem).

Guala (2007, p. 37) chama atenção para a literatura sobre megaeventos, que aponta a Olimpíada como o mais importante acontecimento esportivo para investimentos, comunicação, obras públicas e iniciativa privada – uma grande oportunidade para requalificar e promover a cidade, como sugere o *Legacies of the Games* (COI, dez. 2013) em relação à Barcelona: os Jogos mostraram uma “nova e excitante cidade para o mundo e ajudaram a Espanha a melhorar a imagem do país”. Pela sua magnitude, um megaevento conseguiria traçar essa correlação entre o tempo do evento e os efeitos na cidade (BURBANK et al., 2002, p. 183) a ponto de os Jogos funcionarem como “gatilhos” do processo de *branding* da cidade e, por tabela, do país.

Os Jogos Berlim 1936, Munique 1972 e Atenas 2004 representaram outra visão do megaevento esportivo: o custo social, econômico e político que a cidade-sede precisa enfrentar durante e, principalmente, após os Jogos. Em Berlim 1936, o parque olímpico foi construído em uma área de 131 hectares, e tem prédios e o estádio de futebol: “o legado mais visível dos jogos é o Estádio Olímpico, que ainda hoje é usado, até mesmo na fase final da Copa do Mundo”, embora, segundo Wolfgang Maennig, seja um elefante branco que não se paga nem recupera todos os custos com as receitas geradas por shows e eventos (GLOBO NEWS, Série Cidades Olímpicas - Atlanta, 8/10/2015 – tradução nossa). Em Munique, o estádio olímpico também precisa do setor público para sua manutenção, porque os times construíram estádios próprios. Hoje recebe shows e competições de pequeno porte. Segundo Hans Piontek, jornalista que cobriu o Munique 1972, “o parque olímpico foi principalmente para as pessoas de Munique. Elas vêm aqui passar o tempo livre. Isso é ótimo. E ainda acontece. As pessoas de Munique ainda amam isso. Elas vêm aqui para comer, para jogar futebol, para se divertir” (GLOBO NEWS,

Série Cidades Olímpicas – Munique, 9/10/2015 – tradução nossa). Já em Atenas 2004, Ioulios Synadinos, Secretário Geral de Esportes, e Chitros Pallakis, gerente de Recursos Humanos do Comitê Olímpico 2004, respectivamente, levantam impactos negativos dos Jogos:

Gerenciamento ruim, falta de planos, compromissos apressados, sistema corrupto e acomodado. O custo dos Jogos Olímpicos foi 6% maior do que o PIB grego naquele ano (...). Eu acho que a Olimpíada é uma das causas da crise econômica que nós atravessamos agora na Grécia.

A manutenção do teto (do Estádio Olímpico) requer muitos recursos todo ano. Isso não foi originalmente planejado e considerado (GLOBO NEWS, Série Cidades Olímpicas - Atenas, 5/10/2015 – tradução nossa).

Richard Cashman alerta que, por vários motivos, a maioria das cidades não faz um planejamento para o pós-evento:

1. Devido à pressa para organizar os Jogos, tem-se pouco tempo para pensar sobre pós-evento. Quando o tema legado entra na discussão de forma séria, depois dos Jogos, muitas instituições locais, incluindo o Comitê Local, já encerraram os trabalhos;
2. O tema legado é colocado de lado da discussão, porque parece representar custo adicional em um orçamento já esticado no pré-evento. Muitos organizadores não percebem que um custo adicional pode recuperar investimentos (por exemplo, com o turismo);
3. Considera-se o legado como um assunto marginal, que entra em pauta depois dos Jogos. Poucas cidades desenvolveram bons planos para o pós-evento;
4. O conceito “Cidade Olímpica” é interpretado por cada cidade de uma forma particular. Enquanto Barcelona preservou as suas áreas olímpicas, Atlanta desmantelou;
5. O legado olímpico deveria ser transmitido para a próxima cidade-sede de forma sistematizada. No entanto, cada Cidade Olímpica tem o desafio de “reinventar” os Jogos (CASHMAN, 1998, p. 111 – tradução nossa).

Em resumo, o tema legado para o Comitê Olímpico Internacional, por meio do *Olympic Legacy* (2013), divide-se em cinco categorias: 1) esportivo (instalações dos Jogos e fomento à prática esportiva); 2) social (promoção de cultura, educação e inclusão); 3) meio ambiente (novas formas de energia e medidas para redução do impacto da realização dos Jogos); 4) urbano (investimento em infraestrutura de transporte, capacidade hoteleira, requalificação de áreas degradadas); e 5) econômico (estímulo à atividade produtiva, principalmente via turismo).

No pós-Cidade Olímpica, a cidade do Rio de Janeiro foi migrando, cada vez mais, para um noticiário sobre a insegurança urbana. A visibilidade midiá-

4. Categorização atribuída por Vânia Fortuna na sua dissertação de mestrado “O Rio que nós queremos: o efeito Pan nas representações midiáticas da violência urbana”.

5. Título da obra do jornalista Zuenir Ventura, “Cidade partida” (1994) retrata o cenário de uma verdadeira guerra urbana.

6. Paz. Marca registrada do Ler é Dez e do Rio de Janeiro. Disponível em: < <https://www.facebook.com/MarcaRJ/videos/vb.121684001242903/10150286512202509/?type=2&theater>>. Em 2011, o governo do Estado do Rio de Janeiro cria o projeto “Rio de Janeiro, marca registrada do Brasil”. Alegria, Beleza, Inovação, Paixão, Estilo, Energia e Paz eram os atributos da marca que não se restringia somente à cidade, mas ao Estado como todo, como pode ser percebida na página do facebook, cujo conteúdo foi descontinuado em 2014. Acesso em 25 de fev. 2018.

7. Disponível em <http://oglobo.globo.com/zona-norte/teleferico-do-complexo-do-alemao-entra-para-rota-turistica-3663256>. Acesso em 25 de fev. 2018.

tica, que outrora vinha sendo dos investimentos, da reconfiguração e renascimento da cidade no cenário internacional, foi dando lugar para a pauta de insegurança pública.

A ex-Cidade Olímpica à beira do caos na segurança pública

Na década de 90 e praticamente a metade do século XXI, a cidade do Rio de Janeiro convivia com altos índices de violência, impactando sua imagem. Sob esse imaginário da “cidade do medo”⁴, o Rio sedia os Jogos Panamericanos de 2007, na última gestão do ex-prefeito César Maia. Nesse mesmo ano, a FIFA elege o Brasil país-sede da Copa do Mundo de 2014. Entretanto, o dia a dia da cidade e o noticiário mostravam outra representação:

Segundo dados da Fundação Nacional da Saúde (Funasa), em 1996 foram registrados 4.650 homicídios por arma de fogo no Grande Rio, em 2002 esse número aumentou para 5.443, demonstrando que a cidade entrava no século XXI sob o fantasma da violência. (...) As guerras entre traficantes, antes circunscritas à Baixada Fluminense e alguns bairros da Zona Norte, passam a ocorrer com mais frequência na Zona Sul, região que concentra os estratos sociais mais abastados da cidade e a maioria dos pontos turísticos, hotéis e recebe o maior contingente de visitantes (ELIAS, 2013, p. 66).

Os números elevados da violência urbana revelavam uma “cidade partida”⁵ entre o tráfico de drogas nas favelas e o asfalto. Em julho de 2007, quando foram realizados os Jogos Pan-Americanos, o sentimento era de uma cidade em guerra (ELIAS, 2013), o que repercutia negativamente para a imagem de uma das futuras sedes da Copa do Mundo 2014. Em 2009, o Rio de Janeiro teve aprovada sua candidatura à sede dos Jogos Olímpicos 2016. A “cidade-megaevento” precisaria lidar com a “cidade do medo”. O governo do Estado do Rio de Janeiro deu início à produção de discurso de uma cidade pacificada, com a instalação do projeto de Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), da Secretaria Estadual de Segurança do Rio de Janeiro, em 2008.

Como símbolo dessa nova fase da cidade, o Projeto Ler é 10 – Leia Favela assinala a cultura “como uma das maiores armas contra a violência” e “marca registrada da paz nos complexos da Penha e do Alemão”⁶. Em 2011, o teleférico do Complexo do Alemão entrou para a rota turística da cidade⁷, porque as pessoas tinham interesse em conhecer a comunidade, principalmente a Serra da Misericórdia, conhecida como a “Estrada do Bope”, por onde os traficantes fugiram quando o Exército chegou ao Complexo em 2010. Hoje em dia, o teleférico está subutilizado em decorrência do desinteresse da Supervia, concessionária do serviço, em continuar operando e dos frequentes tiroteios que interrompem a cir-

culação e denunciam que a “invenção” da favela pacificada, um dos atributos que renovou a imagem da marca Rio, mas que está em processo de esfacelamento.

Um ano após o Rio 2016, “não só a promessa de uma cidade segura não foi cumprida, como a situação no Rio de Janeiro se deteriorou dramaticamente”, segundo Renata Neder, coordenadora de pesquisa da Anistia Internacional (PES-TRE, 4/8/2017). Na opinião de Ignácio Cano, isso decorre da crise econômica no Estado do Rio de Janeiro: “nós temos a situação política e econômica de crise profunda, a impossibilidade de investir em novas políticas, de contratar policiais no seu tempo livre, de repor as forças policiais. O somatório é essa crise que nós estamos vendo” (idem).

Dados divulgados pelo Instituto de Segurança Pública (ISP), o Estado do Rio de Janeiro fechou 2017 com a maior taxa de mortes violentas desde 2009:

	Letalidade Violenta no Estado do Rio de Janeiro	Taxa por 100 mil/hab.
2009	7.106	44,9
2010	5.828	36,4
2011	4.960	30,8
2012	4.666	28,7
2013	5.348	32,7
2014	5.719	34,7
2015	5.010	30,3
2016	6.262	37,6

Fonte: Folha online (16/1/2018)

Registrando uma das mais graves ondas de violência desde os anos 90, a capital fluminense vem sendo pauta diária sobre segurança pública. Nos noticiários nacionais e internacionais, os holofotes que “iluminavam” o renascimento da cidade do Rio de Janeiro por sete anos como Cidade Olímpica após um investimento de R\$ 43,3 bilhões agora destacam os crimes violentos. E, mais recentemente, o governo federal decreta intervenção⁸ no Estado do Rio de Janeiro com a promessa de ordenar o caos que se instaurou na capital. A ex-Cidade Olímpica volta a ser a “cidade do medo”.

Conclusão

O Rio de Janeiro, como capital do Brasil Colônia a partir de 1763, sede de todo império português de 1808 a 1821, depois capital do Império e da República (até a transferência da capital para Brasília em 1960), torna-se naturalmente a cidade-símbolo do país. No entanto, na opinião de Lessa, a perda da função-capital representou o “primeiro passo para a sua desconstrução simbólica” (2000, p. 417). Perdia sua centralidade na política nacional, tornando-se “cidade-órfã”. O ex-prefeito Eduardo Paes argumentava que a cidade tinha passado “muitos anos

8. A princípio a intervenção será até 31 de dezembro de 2018. Com isso, a responsabilidade de gerir a área passa para as mãos do governo federal, que será representado por um interventor que terá total poder para gerir a segurança pública fluminense, controlando a Polícia Civil, a Polícia Militar, os bombeiros e administração penitenciária.

olhando para trás, sem perspectiva de futuro, sem capacidade de refletir sobre o futuro. O Rio ficou deprimido pela perda da condição de capital federal. A gente não conseguia olhar para frente”. (PAES, 16/12/2015). Cidade-sede da Copa do Mundo 2014 e dos Jogos 2016 surgiriam como “redenção” da cidade, de um protagonismo nacional.

Sediar um megaevento pode ser uma ferramenta para atrair bons negócios e passar uma percepção de cidade dinâmica, mas, quando se leva em conta o desenvolvimento econômico sustentável, entende-se que há articulações mais complexas, em que mais que a operação urbana, por exemplo, como legado tangível, deve-se ter planejamento e gestão pública continuada. Embora a cidade tivesse uma visibilidade midiática mais favorável e uma oportunidade para reposicionamento de sua imagem (legado intangível), graças aos dois megaeventos esportivos, o pós-Jogos 2016 mostrou-se bem desfavorável. A operação Lava Jato, que levou à prisão o ex-governador Sergio Cabral e outros políticos e empresários, envolvendo a Petrobras em delações sobre corrupção; a redução dos investimentos da estatal na cidade; a queda da arrecadação; o preço do petróleo – tudo isso contribuiu para que o impacto venha se mostrando tão negativo. Não há fomento ao esporte ou à prática esportiva; a crise financeira impacta diretamente o social, ampliando a exclusão; as propostas para o Parque Olímpico, Parque Radical em Deodoro, Porto Maravilha pós-Rio 2016 estão em suspenso; há queda de 9% na ocupação hoteleira em 2017, comparado a 2016, em razão da superoferta de quartos e da imagem de violência na cidade (PANROTAS, 3/11/2017).

Durante a Olimpíada, vive-se um “momento de efervescência” (MAFFE-SOLI, 2006, p. 132), em que os espaços se transformam em locais de sociabilidade, de ajuntamento (idem, p. 84) e as atividades da programação devem propiciar esse momento de estar junto, de compartilhamentos de emoções, “de modos de afiliação a uma comunidade social, uma maneira de se reconhecer e de poder se comunicar em conjunto sobre a base de proximidade” (LE BRETON, 2009, p.126). A cobertura midiática apontava que a então Cidade Olímpica voltava a dar certo, tinha visibilidade relativamente positiva e, mais, uma expectativa de que ventos de prosperidade e paz trariam outro patamar para a cidade local, nacional e internacionalmente. Menos de dois anos após os Jogos, o humor é outro: de tensão, de incertezas, de medo do que está acontecendo e do que está por vir.

Referências

- BURBANK, M.; Andranovich, G.; Heying, C. **Mega-Events, Urban Development and Public Policy**. The Review of Policy Research, 2002. p. 179-202.
- BOVY, P. **Megaeventos: catalisadores para transporte mais sustentável nas Cidades**. 2009. Disponível em: <<http://www.mobility-bovy.ch/>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

CASHMAN, R. **Olympic Legacy in an Olympic City: Monuments, Museums and Memory.** In: BARNEY, R.K et al. *Global and Cultural Critique: Problematizing the Olympic Games - Fourth International Symposium for Olympic Research.* University of Western Ontario, London, 1998, pp. 107–114.

CONTRERA, M.; MORO, M. **Vertigem mediática nos megaeventos musicais.** Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.11, n.1, p. 1-15, jan./abr. 2008.

DOSSIÊ DE CANDIDATURA DO RIO DE JANEIRO A SEDE DOS JOGOS OLÍMPICOS E PARAOLÍMPICOS 2016. Disponível em <http://www.rio2016.com/sites/default/files/parceiros/dossie_de_candidatura_v1.pdf>. Acesso em 25 fev. 2018.

ELIAS, R. V. **Boas saídas, melhores entradas: mídia e ano novo no Rio olímpico.** Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social, 2013.

GLOBO NEWS, Jornal das 18h, 19/2/2018.

GLOBO NEWS, Série Cidades Olímpicas - Atenas, 5/10/2015.

GLOBO NEWS, Série Cidades Olímpicas - Londres, 6/10/2015.

GLOBO NEWS, Atlanta Série Cidade Olímpicas - Atlanta, 7/10/2015.

GLOBO NEWS, Série Cidades Olímpicas - Berlim, 8/10/2015.

GLOBO NEWS, Série Cidades Olímpicas - Munique, 9/10/2015.

GLOBO NEWS, Série Cidades Olímpicas - Barcelona, 10/10/2015.

GUALA, C. *Mega eventi: modelli e storie di rigenerazione urbana.* Roma: Carrocci, 2007.

_____. Per uma tipologia dei mega eventi. *Bollettino della Società Geografica Italiana*, serie XII, volume VII, 4, 2002.

LE BRETON, D. *Antropologia das Emoções.* In: **Paixões Ordinárias: antropologia das emoções.** Rio de Janeiro, Vozes, 2009.

LESSA, C. **O Rio de todos os Brasis: uma reflexão em busca de auto-estima.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.